

Relato de uma atriz e diretora de coletivo teatral (des)amarrado e em permanente processo de libertação

por Georgette Fadel²⁷

Resumo: Texto-relato, forma híbrida que fala de uma atriz e diretora que se entregou a um momento de grávido processo de criação. Que se permitiu correr todos os riscos... Uma atriz que, depois de muito tempo de reflexão, permitiu-se conhecer um bairro e sua gente: uma *Barafonda* explosiva.

Palavras-chave: Barafonda, atuação, confidências explosivas, atriz na rua.

Abstract: A text-report, hybrid form, which speaks of an actress and director who gave himself a moment of pregnant creation process. What if allowed to run any risks ... An actress who after a long time of reflection allowed to know a neighborhood and its people: an explosive Barafonda.

Keyword: Barafonda, performance, confidences explosive, actress on the street.

79

O mais recente trabalho da Companhia São Jorge de Variedades, *Barafonda*, desenvolveu-se (do meu ponto de vista, porque nessa louca Companhia da qual faço parte desde sua fundação, cada integrante tem suas razões, embora nascidas da mesma semente amorosa) sobre a percepção de que nossos corações não se interessavam verdadeiramente pelas pessoas que nos cercavam: nossos vizinhos, o bairro (Barra Funda) e sua história. Passamos alguns meses discursando sobre vínculo, comunidade, pertencimento etc., mas, na realidade, nossos interesses reais estavam longe daquilo. Pelo menos posso falar por mim. Estarrecida, depois de um longo processo, tive de perceber a falta de musculatura do meu coração... Tal constatação foi muito triste. Lembro-me de, naquele momento, ter querido intensamente, de acordo com aquilo que estávamos propondo fazer, sentir! Sentir!! Sentir!!!

²⁷ Atriz, diretora formada pela Escola de Arte Dramática (USP) e pelo CAC – Departamento de Artes Cênicas da Escola de Comunicações e Artes (USP), fundadora da Companhia São Jorge de Variedades.

Queria sentir, principalmente, curiosidade... Como gostaria de ser algo mais próximo do que eu considerava ser belo. Como eu gostaria que a poesia estivesse onde deveria estar!

Posso confessar terem sido meses duros de reflexão sobre os efeitos duros da minha formação burguesa naquele meu momento de percepção da vida.

O fato é que meu coração abriu. O fato é que foi essencial ser verdadeira. 2012... Ah, 2012... Uma espécie de ano da verdade! Arrastando tudo o que estava velho, trazendo a crise, a ruptura e o frescor dos novos caminhos... Orgulhosa de mim, terminei o ano tendo resistido à tentação de envelhecer... Chorando muito, como uma recém-nascida, diante da maravilha de estarmos juntos, sermos juntos, formarmos um. Voltando ao que, de certa forma, havia deixado pendente em relação ao momento que se vivia na São Jorge. A tentação era, ao perceber a falta de interesse, assumi-la e mudar de assunto. Ficar nos meus assuntos. Mas a vergonha que eu sentiria me levou a exercitar musculaturas frágeis e a me tornar aquilo em que eu acredito. Levou-me a lidar de maneira nova com meu tempo, minha escuta e meu olhar. Não, não me tornei uma perfeição de mulher ou de artista, mas dei um passo a mais para longe da autorreflexão umbigada e da perda de tempo com bobagens. Tirei um fino véu que não me deixava ser penetrada pela poesia, às vezes tão triste, de vivermos nesse planeta regido por leis tão distorcidas... Aí, então, vamos ao caos dos lampejos que brilharam para mim. Algo, mesmo que de modo contraditório e teimoso, vinha-me à cabeça. Irradiações como:

Não quero ser atriz durante os espetáculos.
 Estou pronta todo o tempo,
 meu corpo e minhas funções são minhas
 Máscaras. Interfiro, crio a todo instante.
 Não preciso do reconhecimento,
 não quero agradar.
 Prefiro ser
 perigosa, imprevisível
 ... Indefinível...
 a algo pronto e limitado.
 Prefiro errar a viver com medo de errar
 a abrir mão da humana liberdade
 de invenção de realidades.

Minha liberdade não termina onde começa a do outro. Eu sou o outro, todo o tempo quero nossa liberdade. Quando falo de mim, não falo de mim. Tudo que conquisto desejo que todos possam conquistar um dia. Não estou separada de nada nem de ninguém. Isso causa alegria e imensa dor. A dor de qualquer ser é minha dor, e isso não pode me paralisar. Preciso ser imensamente forte. Saio às ruas e percebo o quanto preciso ser infinitamente forte em minha *performance* como atriz e como ser humano.

A densidade do meu coração é a força da minha *performance*. Minha única certeza é que quero viver o amor, obviamente não aquele que construiu em nós quase uma aversão por esse termo por ser *slogan* de propaganda de margarina e merdas do tipo, mas aquele que nos permite transformar lixo em ouro, aquele que abre espaço em nossas rígidas fronteiras para a visita da vida, aquele que nos faz dançar apaixonadamente, violentamente, que nos torna leves e não fazedores de sombra, os estorvos, os assassinos que nos tornamos, espécie egoísta, patética e iludida: estou *performer!*